

"

## DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA IDENTIDADE VISUAL PARA AS EXPOSIÇÕES DA FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DA PONTA GROSSA

**Adriana Cristina Teixeira de Souza**

Acadêmica do Curso de Design da UFSC

**Milton Luiz Horn Vieira**

Professor do Depto. de Expressão Gráfica da UFSC (Coordenador)

mlvieira@mbox1.ufsc.br

### Resumo

A Fortaleza de São José da Ponta Grossa é um ponto de referência turística na ilha de Santa Catarina, que faz com que seja visitada por estudantes, estrangeiros e público em geral. Esta visita vem crescendo a cada ano e verifica-se a necessidade de uma identidade visual adequada às exposições pertencentes ao espaço. Este projeto propõe uma nova identidade com o objetivo de reformular e melhorar a comunicação visual das exposições, agregando-lhe valor.

**Palavras-chave:** Fortaleza de São José da Ponta Grossa, exposições, informação, identidade visual.

### Introdução

A fortaleza de São José da Ponta Grossa situa-se ao Norte da Ilha de Santa Catarina, entre as praias de Jurerê e do Forte. Construída entre 1740 e 1744 pelo Brigadeiro Silva Paes para cruzar fogos com as fortalezas de Ratonas e de Anhatomirim, a Fortaleza tem os edifícios principais (Casa do Comandante, Paiol da Pólvora, Quartel da Tropa, Cozinha, Capela, Casa da Guarda e Calabouço) distribuídos em três terraplenos, interligados por rampas. A Bateria São Caetano, a 100 metros de distância, complementou, a partir de 1765, a defesa do lado leste da fortaleza. Em 1777, a Fortaleza de São José foi tomada pelos espanhóis que invadiram a região, e após este episódio, ela foi abandonada. Em 1938, já arruinada, foi tombada em âmbito federal. Sofreu obras parciais de recuperação, até que em 1991 e 1992 foi restaurada através do “Projeto Fortalezas” pela Universidade Federal de Santa Catarina, tendo agora espaço para exposições dos registros da prospecção arqueológica que sofreu, de aspectos relacionados ao seu cotidiano e às obras de restauração, além do artesanato de referência cultural, como a renda de bilro.

"

Em decorrência da ação do tempo, todos os materiais gráficos das exposições foram se deteriorando, havendo a necessidade de consideráveis mudanças e a inclusão de novos elementos gráficos, ou seja, uma nova identidade visual para as exposições.

O projeto objetivou a criação dessa identidade visual, modificando e incluindo elementos necessários para o projeto, buscando uma integração entre todos os ambientes e objetos da Fortaleza.

Após análise no local, foram redefinidos os principais objetos:

- Exposição de Rendas: Quadros expositivos, mesa expositiva, quadro expositivo sobre os uniformes militares.
- Exposição Arqueológica: Quadros expositivos, Bancadas expositivas.
- Exposição Fortaleza de Santa Cruz: Quadros expositivos.
- Exposição Restauração da Fortaleza de São José da Ponta Grossa: Quadros expositivos.

De acordo com o que foi constatado no local das exposições, o desgaste dos materiais está tornando ilegíveis os textos e imagens dos quadros. A ação do tempo e a umidade estão criando manchas e enrugando os papéis. Portanto, é de extrema necessidade a mudança desses materiais, além de uma identidade visual condizente com a Fortaleza e sua época.



quadro  
Fig. 2:



Fig. 1:  
enrugado

fotografias quase apagadas

"

"

## Material e Métodos

O projeto foi iniciado com uma revisão sobre a história da Fortaleza de São José da Ponta Grossa para uma contextualização da situação cronológica de suas construções e a sua importância na história militar de Santa Catarina, que nos deram uma noção do significado histórico e turístico do forte.

Em seguida, foram feitas visitas e detectou-se os problemas das exposições (textos ilegíveis, imagens apagadas, manchas de umidade e enrugamento dos papéis). Os problemas foram analisados e soluções abordadas. A busca de uma tipografia individualizada, adequada ao estilo da Fortaleza foi o foco principal na criação da identidade visual das exposições. Uma pesquisa de materiais e sua viabilidade foram concretizadas em empresas do ramo, verificando o tipo de suporte da comunicação. Após, foram elaboradas novas propostas de identificação das exposições da Fortaleza, interligadas em uma unidade visual, respeitando princípios de composição visual e legibilidade.

Digitalizou-se as diversas imagens que foram utilizadas nas pranchas gráficas das exposições e iniciou-se o processo de tratamento dessas imagens, para que ficassem compatíveis com a proposta. Com o auxílio de programas computacionais foram criados modelos virtuais para melhor visualização.

### A importância da tipografia em um projeto gráfico

Desde o seu surgimento, no ocidente, a tipografia busca assemelhar-se à escrita manual. Na Bíblia de 42 linhas de Gutenberg, o tipo utilizado já apresentava cerca de 300 caracteres distintos e inúmeras ligaturas, buscando captar as nuances da escrita da época, a gótica textura.

Como ciência, a tipografia, que tem 550 anos de existência dialoga hoje com a informática, ciência que engatinha a uma velocidade espantosa. Técnicos nas duas ciências são conduzidos por regras de mercado que vão definir o padrão visual de nossos impressos e de nossas telas de monitor e dessa forma, caracterizar nossa época.

Tipografia significa a ação e o conhecimento de como lidar com caracteres para impressão visando determinados objetivos informacionais e estéticos. Por extensão, podemos aplicá-lo a qualquer situação em que criamos, organizamos ou manipulamos caracteres (tipos) - seja num livro, num letreiro ou numa tela de computador. No processo tipográfico, além de tipos e de um suporte no qual os organizamos, precisamos de uma série de controles que nos

"

"

permitam arranjá-los para a obtenção daquele objetivo e as formas de aferir qual o resultado que estamos alcançando. As letras “falam” não apenas pelo resultado semântico de sua combinação em palavras e períodos, mas por seu desenho. Precisamos entender a importância que uma boa tipografia tem para o sucesso de um projeto.

A legibilidade está relacionada à facilidade de decodificação ou leitura. Diz respeito às características das informações apresentadas que possam dificultar ou facilitar a leitura, tais como contraste entre tipografia e fundo, tamanho da fonte, espaçamento entre palavras e entre linhas, comprimento das linhas de texto, entre outros.

Na legibilidade, a tipologia tem um papel primordial. Ela permite uma identificação do produto e dela depende a facilidade de leitura dos textos colocados no projeto. Um tipo é mais legível quando facilita e proporciona maior velocidade de leitura. O termo pode ser entendido como “o estudo dos caracteres gráficos quanto ao desenho, a perceptibilidade, à leitura mais ou menos rápida, ao cansaço visual provocado e à compreensibilidade da mensagem impressa”. Essa legibilidade depende da forma das letras, do corpo usado, do comprimento das linhas que formam as colunas, do entrelinhamento e do alinhamento.

#### Adequação de uma tipografia

Com a noção das influências da época e seu contexto histórico introduziu-se uma tipografia com características do período em que o forte foi construído e utilizado. Esta tipografia foi usada na criação de uma identidade visual para o Forte condizente com seu tempo, facilitando ao visitante situar-se no período da história onde a fortaleza foi construída. Tem características estéticas da época, mas não deixa de servir ao seu propósito final, que é a informação, não esquecendo de sua visibilidade, clareza e ergonomia, procurando mediar os princípios de uma boa sinalização com um pouco da riqueza da história militar dos fortes catarinenses.

A escolha da fonte foi feita tendo em vista a importância da utilização de uma boa tipografia no projeto de Identidade visual das Exposições. O objetivo foi encontrar uma fonte que possuísse o estilo do século XVIII, que tivesse harmonia com a construção e que oferecesse uma boa legibilidade aos visitantes.

Para a escolha destas fontes foi realizado um levantamento de dados sobre tipografia. Um dos dados levantados foi a descoberta de cartas escritas pelo Militar José da Silva Paes. Nesta pesquisa foi possível observar que sua caligrafia era manuscrita, dando sempre ênfase

"

"

para as letras capitulares, estas sempre com traços finos e trabalhados. Com estes dados em mãos partiu-se para a busca de uma tipografia que possuísse tais características.

Nesta pesquisa foi encontrado o tipo BODONI, que se caracteriza pela harmoniosa combinação de traços finos e grossos e pela elegância da composição e proporção de todos os seus elementos. Esta fonte foi construída no mesmo século da Fortaleza e assemelhava-se muito a caligrafia de Silva Paes.

Devido ao difícil acesso à fonte Bodoni, o próximo passo foi buscar uma fonte similar a Bodoni. A fonte encontrada e escolhida foi a C & C Champanhe. Ela assemelha-se a Bodoni, pois possui traços finos e elegantes que entram em perfeita harmonia com a construção. O projeto propôs a sua utilização nos títulos das placas para impor austeridade e elegância.

Após alguns testes, verificou-se que a C&C Champanhe não era legível para ser utilizada no corpo de texto. O próximo passo foi a escolha de uma fonte para os textos, que deveria possuir uma excelente legibilidade, não tornar a leitura cansativa e não entrar em confronto com a fonte escolhida para o título. Foi escolhida a fonte ARIAL NARROW.

### A cor na tipografia

A cor promove a identidade do conteúdo antes que qualquer palavra seja lida. Segundo Dondis (2000), a cor está, de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos todos em comum. Para a escolha da cor é importante ter familiaridade com o estilo da origem das informações e deve-se lembrar também que as cores sempre estão vinculadas ao ambiente. A cor poderá ter a função de ressaltar a tipografia e pode ainda ser utilizada como fundo, sendo indispensáveis os cuidados para a manutenção de contraste entre os elementos.

Farina (1999) diz que a cor é um meio de identificação em numerosos objetos, coisas, letras. Quando um título, uma marca, uma nota de advertência ou uma informação é realizada em cores, torna-se necessário verificar a cor de fundo dos mesmos para se sentir o contraste entre eles. A legibilidade, a visibilidade de certos detalhes facilita a memorização dos mesmos e, segundo a forma dos detalhes, é preciso adequar a cor principal para a realização do contraste.

Em geral, cores fortes de fundo ou azul e vermelho simultaneamente devem ser evitadas, assim como textos longos em branco sobre fundo preto, já que a legibilidade fica prejudicada. As cores não devem ser utilizadas indiscriminadamente; um grupo limitado de

"

"

matizes deve ser explorado e seu emprego deve ser coerente, já que a cor proporciona informações adicionais para o usuário quanto ao conteúdo e à função dos elementos.

Deve-se evitar o uso de cores muito quentes ou brilhantes, como magenta ou azul ciano, que prejudicam a focalização, ou várias cores fortes num mesmo local, pois estas desviam a atenção do usuário.

#### As cores selecionadas para o projeto

Segundo Caldas (1992), os uniformes da infantaria portuguesa foram seguindo as evoluções da moda durante todo o século XVIII. No princípio do século, seguiam os uniformes das potências católicas, usando fardas de cor cinzenta clara - "alvadia". Em 1762 os uniformes continuavam a seguir o modelo das potências católicas, sendo que a cor das fardas tinha passado a ser branca, e as casacas tinham passado a ter todas as abas de cor, que permitiam distinguir mais facilmente os regimentos.

Com a declaração de guerra franco-espanhola de 1762, houve a necessidade de aumentar os efetivos dos regimentos de infantaria. Pelo grande aumento da infantaria, a produção de uniformes para o exército ficou completamente desorganizada, porque não havia nos armazéns militares uniformes suficientes para os recrutas. Os regimentos tiveram que se contentar com os panos que havia, e por isso o exército português fez Guerra com uniformes de todas as cores - com os regulamentares brancos, mas também com azuis, verdes, amarelos, encarnados, etc.

Em 1797 dá-se outra pequena modificação no uniforme do exército. O azul e o encarnado passam a ser as cores principais das fardas. Esta mudança vai fazer sentir-se em pequenas e grandes coisas, uma das quais é bem visível: a cor das bandeiras e estandartes do exército, que passam a ser de cor azul e encarnada.

Viu-se nas cores das fardas, uma opção para utilizá-las nas placas. Diante das opções (azul ou vermelho), optou-se por uma variação avermelhada.

"

"

### Resultados e Análise

Para representar as Exposições, foram desenvolvidas sínteses gráficas que fazem menção aos elementos mais marcantes de cada uma. Os ícones foram utilizados em todas as pranchas gráficas de todas as exposições. A seguir, apresentam-se alguns exemplos, e entre eles algumas pranchas gráficas desenvolvidas para cada exposição.

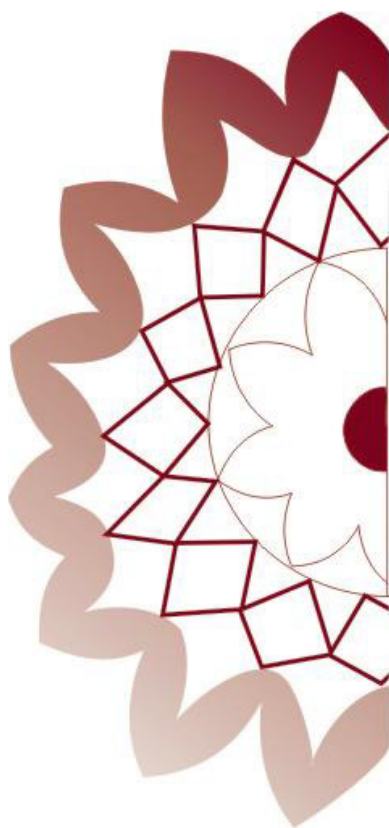


Fig. 3: Ícone Rendas

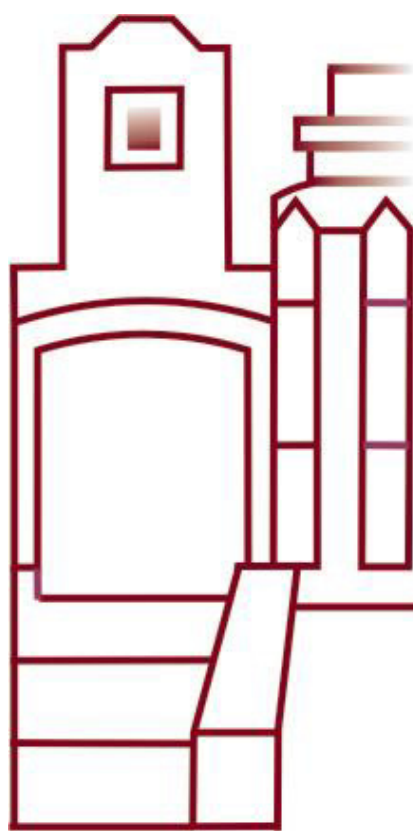


Fig. 4: Ícone Anhatomirim

"

"

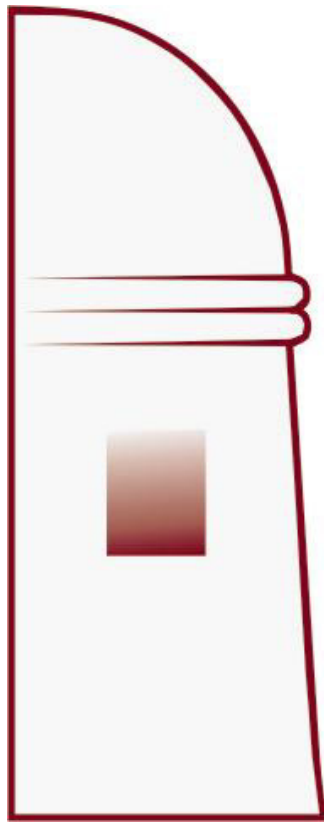


Fig. 5: Ícone Restauração do Forte



Fig. 6: Ícone Arqueologia

### Exposição das Rendas de Bilro

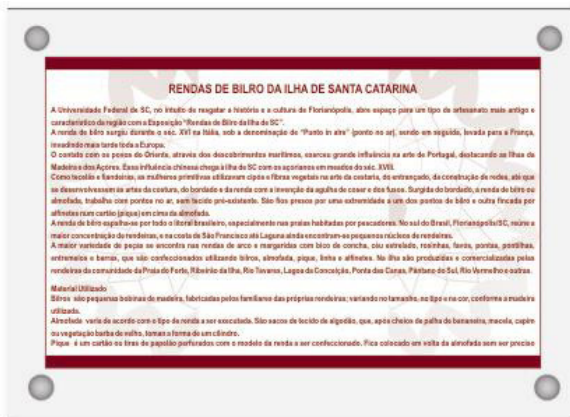


Fig. 7: Quadro expositor 1 c/ suporte



8: Quadro expositor 2 c/ suporte

"

:

Fig.



Exposição Arqueológica



Fig. 9: Quadro expositor



Fig. 10: Plaqueta para mesa

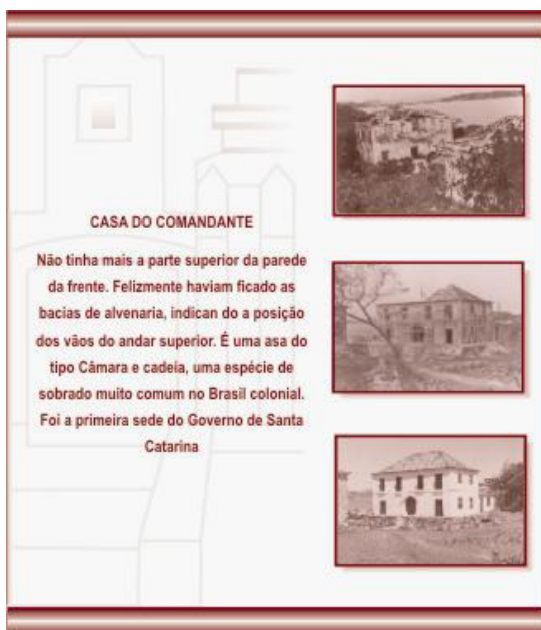


Fig. 11: Quadro expositor



Fig. 12: Quadro expositor c/ suporte



Fig. 13: Quadro Expositor

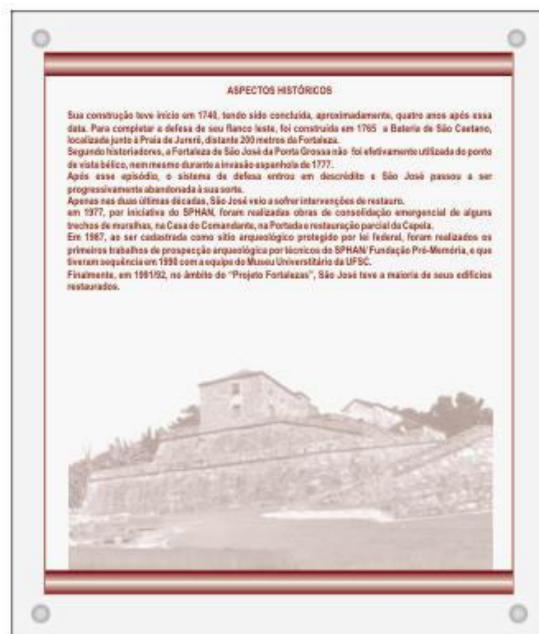


Fig. 14: Quadro expositor c/ suporte

### Considerações Finais

Durante o século XVIII, o sistema defensivo da Ilha de Santa Catarina foi construído para garantir o domínio português nessa região, sendo as construções remanescentes mais antigas de nosso estado, representando, portanto, o nosso marco zero neste processo de ocupação.

A valorização da Fortaleza de São José da Ponta Grossa promove o desenvolvimento turístico das regiões e ajuda a difundir os conhecimentos sobre sua história, sinônimo de riqueza cultural do Estado de Santa Catarina.

Com o aumento crescente das visitas à Fortaleza e o desenvolvimento do turismo cultural, é de extrema necessidade o cuidado com suas instalações e exposições, pois através delas, os aspectos históricos, arqueológicos e arquitetônicos são difundidos aos visitantes e a comunidade.

Pretendeu-se, com este projeto, criar um maior vínculo com o turismo local e conseqüentemente com o turismo nacional e internacional, objetivando a preservação e a conscientização da importância desse patrimônio cultural e ambiental através de uma linguagem

"

visual clara e objetiva, procurando integrar os novos componentes com o próprio local, seu estilo e meio ambiente, facilitando ao visitante situar-se no período da história.

### Referências

CALDAS, Marechal Cândido. **História Militar da Ilha de Santa Catarina: notas**. Ed. Lunardelli, Florianópolis, 1992.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Ed Martins Fontes, São Paulo, 2000.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. Ed. Edgard Blücher, São Paulo, 1986.

HOLLIS, Richard. **Design Gráfico: uma história concisa**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

MACHADO, Rosangela M. de Melo. **Fortalezas da Ilha de Santa Catarina: um panorama**. Ed. da UFSC, Florianópolis, 1994.

MUNARI, Bruno. **Design e Comunicação Visual**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1997.

PIAZZA, Walter F. **O Brigadeiro José da Silva Paes: estruturador do Brasil meridional**. Ed. da Furg, Florianópolis, 1988.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. **As Fortificações Catarinenses: notas para uma revisão histórica**. Ed. da UFSC, Florianópolis, 1991.

UCHÔA, Carlos Eduardo. **Fortalezas Catarinenses: a estória contada pelo povo**. Ed. da UFSC, Florianópolis, 1992.

VEIGA, Eliane Veras da. **As Fortificações catarinenses no Brasil colonial: introdução ao seu estudo**. Ed. da UFSC, Florianópolis, 1991.

"